

Comunidade do Paraizinho

Humaitá AM

PROJETO

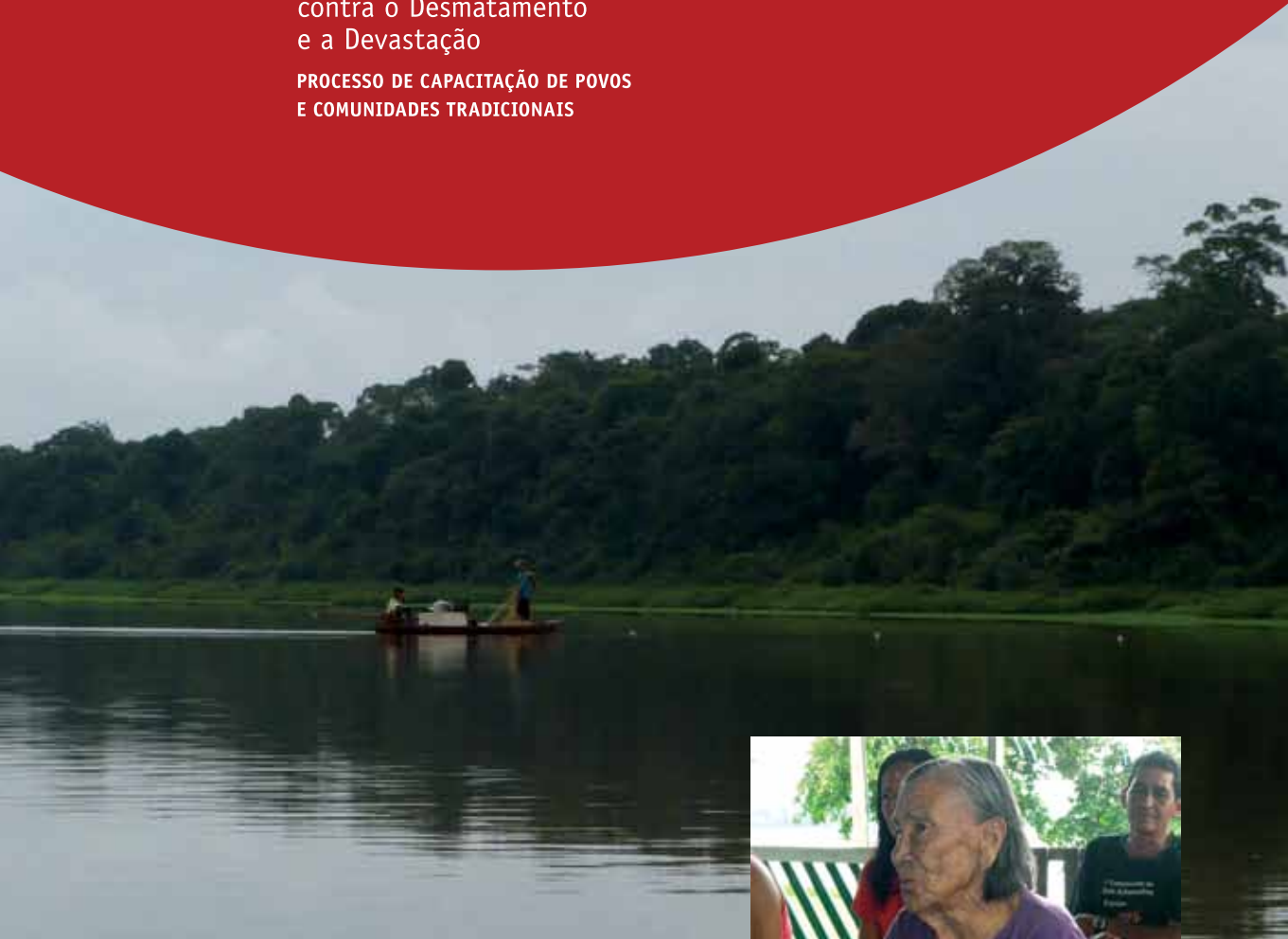
Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



1



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





Participantes da Oficina de Mapas realizada na Comunidade do Paraizinho nos dias 10, 11 e 12 outubro 2012

João Mendonça, Rodrigues, Maria do Carmo, Néia, Auxiliadora, Maria Moraes, João Calixto, Maria Mendonça, Maria Eneia, Maria Jose, Lucineide, Maria Ferreira, Francisca, Maria de Lurdes, Flariano, Samuel, Elza, Marineia, Antonio Soares, Fernando, Maria da Conceição, Cristiane, Francisco Marques, Valmir, Manoel Luiz, Antonio Carora, Jose Roberto, Antonio Mendonça, Valdedilson, Sebastião, Manoel Soares, Elizabete dos Santos, Maria do Rosario, Raimunda Azevedo, Maria Vanessa, Jose Nascimento, Graciene, Maria Ednorlva, João Ferreira, Maria Vieira, Galdino Mendonça, Lutiao Vieira, Waleson Mendonça



© UEA-Edições – Manaus, 2013

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
PNCSA-CESTU-UEA /PPGAS-UFAM/CNPQ

EQUIPE DE PESQUISA

Jordeanes do Nascimento Araújo UFAM/PNCSA/
COORD – HUMAITÁ, AM
Ednailda Santos UFAM/PNCSA/HUMAITÁ
Leonardo Dourado de A. Neto UFAM/PNCSA/HUMAITÁ
Mazzo Rodrigues NEABI
Maria de Fátima dos Santos Mendonça UFAM/IEAA

EDIÇÃO

Jordeanes do Nascimento Araújo UFAM/IEAA-PNCSA
Ednailda Santos UFAM/PNCSA/HUMAITÁ
Maria de Fátima dos Santos Mendonça UFAM/IEAA
Suellen Andrade Barroso POLIS/UFAM

MINILABORATÓRIO: CARTOGRAFIA SOCIAL HUMAITÁ

Jordeanes do Nascimento Araújo COORDENAÇÃO
Ednailda Santos
Leonardo Dourado de A. Neto

CARTOGRAFIA

Carolina Pinto da Silva PNCAA
Luís Augusto Pereira Lima PNCSA-CESTU/UEA

FOTOGRAFIAS

Jordeanes do Nascimento Araújo
Ednailda Santos

EQUIPE DE LEVANTAMENTO DE GPS

Leonardo Dourado de A. Neto
João Mendonça
Jordeanes Araújo

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8

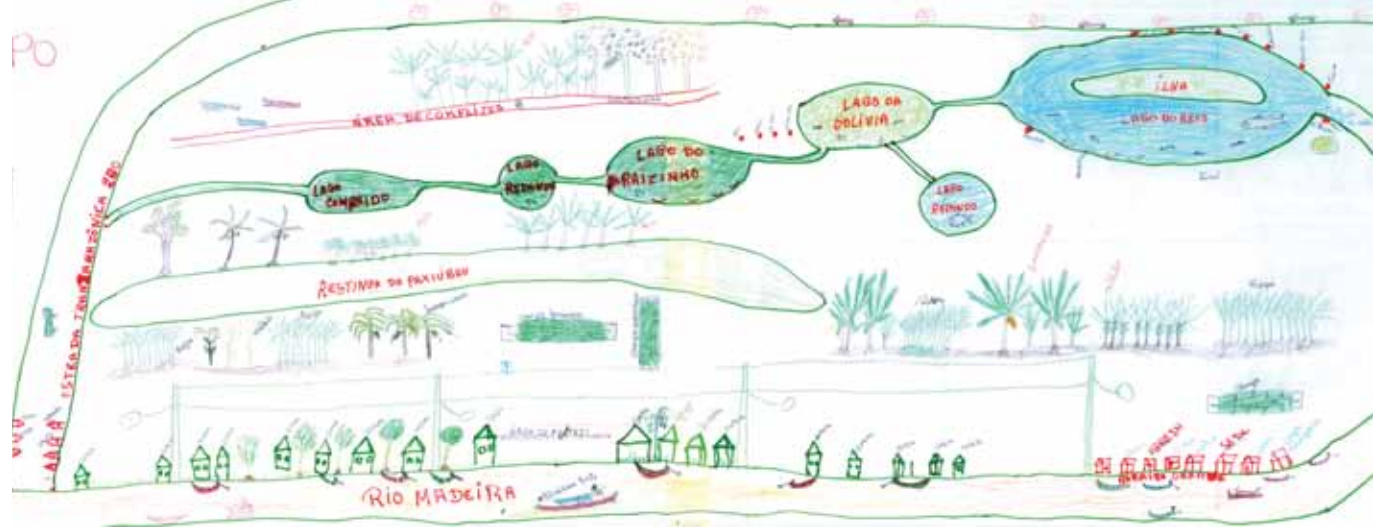
M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais : agricultores, extrativistas do Paraizinho contra o desmatamento e luta pela posse da terra no rio Madeira, 1 / coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Jordeanes do Nascimento Araújo ... [et al.]. – Manaus : UEA-Edições, 2013.

12 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-85-7883-261-2

1. Conflitos sociais. 2. Comunidades tradicionais – Humaitá (AM). 3. Desmatamento. 4. Territorialidade – Madeira, Rio. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Araújo, Jordeanes do Nascimento. III. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)



A história da Comunidade do Paraizinho narrada pelos(as) mais velhos(as)

“Tenho 86 anos, daqui nunca sai pra canto nenhum, criei todos os meus filhos, tudo aqui. Nasci lá no lago dos Reis, lugar (chamado) Santo Inácio e lá me criei. Casei lá, tive meus filhos, a metade lá. Quando sai de lá pra cá, ainda tive cinco aqui no Paraizinho, porque o irmão do meu marido era aviado (aviado, ele tomava conta aqui do Paraizinho), aí ele quis que ele saísse de lá do Paraíso, pra vim pra cá, pra morar, pra trabalhar com ele aqui. Quando chegou aqui, não deu certo, ele brigou com o irmão, aí ele passou de novo lá pro patrão, lá no Paraíso. Antônio Costa era irmão do meu marido, aí nós viemos pra cá e aqui faleceu e estamos até hoje, graças a Deus. Quando eu cheguei aqui, eu cheguei aqui em 61, não era comunidade, tinha muita gente morando aqui, tinha muito freguês aqui, aí o cara foi botando de um por um, acabou alimpando tudo, mais era muito bom e até agora os vizinhos são muito bom também. Quando a Irmã Luiza começou vim, fizeram a igreja ali mais embaixo né, foi em 74, foi o tempo que a Trindade veio, aí a irmã começou a frequentar pra cá, trazia muita gente, nós trabalhava em horta, verdura e outros, tinha costureira fazendo, ensinando costura.”
MARIA DA CONCEIÇÃO MENDONÇA



Dona Maria da Conceição narrando

“Em 74, o Bispo Dom Miguel D’Aversa andou comprando terras pra colocar as igrejas. Em 74 foi quando ele fez lá também em Auxiliadora que ficou até hoje, né? Auxiliadora, comunidade de Auxiliadora e também ele colocou o nome dessa comunidade e da Igrejinha Nossa Senhora Auxiliadora.

Eles fixaram moradia aqui pra facilitar mais o transporte da borracha que era muito distante, né! Pra eles irem pra lá. Aqui também sempre teve o Seringal, Paraizinho lago do Paraizinho sempre teve aqui. Aqui sempre foi do Paraíso Grande as terras do Paraíso Grande. O Paraizinho veio o nome Paraizinho devido o Lago do Paraizinho. Lá que tinha morador. Os moradores moravam lá, devido centro da borracha ser lá, e lá, aí foi de lá que veio, fixaram morada aqui pra aqui também que é mais fácil pra ir pra o Humaitá.” DONA AUXILIADORA



Sr. Rodrigues



Oficina de Mapa no Paraizinho.
Elaboração de croquis

“Em 62 nós viemos também pra beira do Paraizinho, lá tinha cinco casas aí inteirou seis com a nossa, morava Chico Sapo, Devaldo, Pelado. Morava seu Dionizio. Ai chegou nós pra morar lá, centro do Paraíso, Lago do Paraizinho, mais os seringueiro. Os seringais eram chamados de centro. Todas as colocações tinham nome. Tinha mais embaixo Joari, aí ia passando por São Miguel, tinha Cigano, assim como ela (Dona Maria) falou, vieram pra cá porque o patrão que tinha na época era seu Juquinha. Antes o Paraíso era dominado só por uma pessoa assim. Entendeu? Mais era muito grande o espaço, aí eles foram criando esse tal aviado. Colocaram um lá no Salomão, colocaram outro no Buiçu. Bom Samuel José Reis no Buiçu era seu Dodó. Colocaram aqui no Paraizinho o cunhado dela, seu Antônio Costa e lá no São Miguel seu Ângelo. Aí foi que o povo veio se destacando vamos dizer assim, saindo das localidades do centro, fazendo moradia aqui. Na época que a tia Maria chegou aqui, o seu Felício já morava aqui. Tio Felício porque ela veio, parece, se não me engano, vocês vieram pra casa que era do Chico Rosa. Seu Chico Rosa já tinha saído por outro lado do Rio, aí eles vieram pra casa do Chico Rosa, Tia Maria, Tio Felício, Seu João Rosa, ali embaixo e seu Vitor Rosa e, mais embaixo doutor Ricardo. Eram essa cinco casas que tinha aqui o Paraíso Grande até chegar na casa do aviado.” SR. RODRIGUES, PARAIZINHO

“Sou João Calixto Mendonça, eu nasci aqui no Paraíso, no lugar de nome Centro, no Santo Inácio, na beira do Lago dos Reis. O primeiro dono era o Firmino Monteiro, depois que ele morreu, chegou os herdeiros. Muita gente de Humaitá vinha passar o fim de semana aqui no Paraíso porque a animação era muito boa. Nós era bem unido, parecia uma irmandade. Tinha os comboios que iam buscar a borracha, os animais, os cavalos, tinha o varador, e hoje acabou tudo. Quem ver hoje, não diz o que tinha.

Isso aqui era estrada de seringa. Foi aberto, a abertura de moradores pra cá, foi em 1953. Os coronéis iam buscar os seringueiros, traziam eles naquelas embarcações como se fosse assim, como se fosse uma mercadoria. Quando deixava no lugar já não era como eles tinham feito a cabeça dos fregueses. Mudou tudo. E a pessoa já não tinha como voltar, era jeito ficar ali mesmo. Mas eu digo pra vocês, por onde eu andei com os patrão o melhor foi aqui, porque nunca ouvi grito de patrão, com dois quiseram gritar em cima de mim, mas eu nunca dei razão pra ninguém pegar meu braço e torcer.

Em 1953, a terra era boa pra fazer o plantio, a roça, o tabaco, então como eles tinham aquela profissão vieram pra cá, muita gente, gostaram, foram acrescentando as casas. Aí, o Dom Miguel

tomou de conta porque ficou com pena de ver tanta criança sem saber fazer o seu nome. Ele falou pro herdeiro do dono do lugar que foi o A. Monteiro e ele comprou 100 metros de frente com cem de fundo. E tanto que isso foi em 1974, ele fez uma capela, no entanto, na era que ele tava rezando a missa dele era capela e na hora que os professores estavam lecionando, dando aula pros alunos era escola.

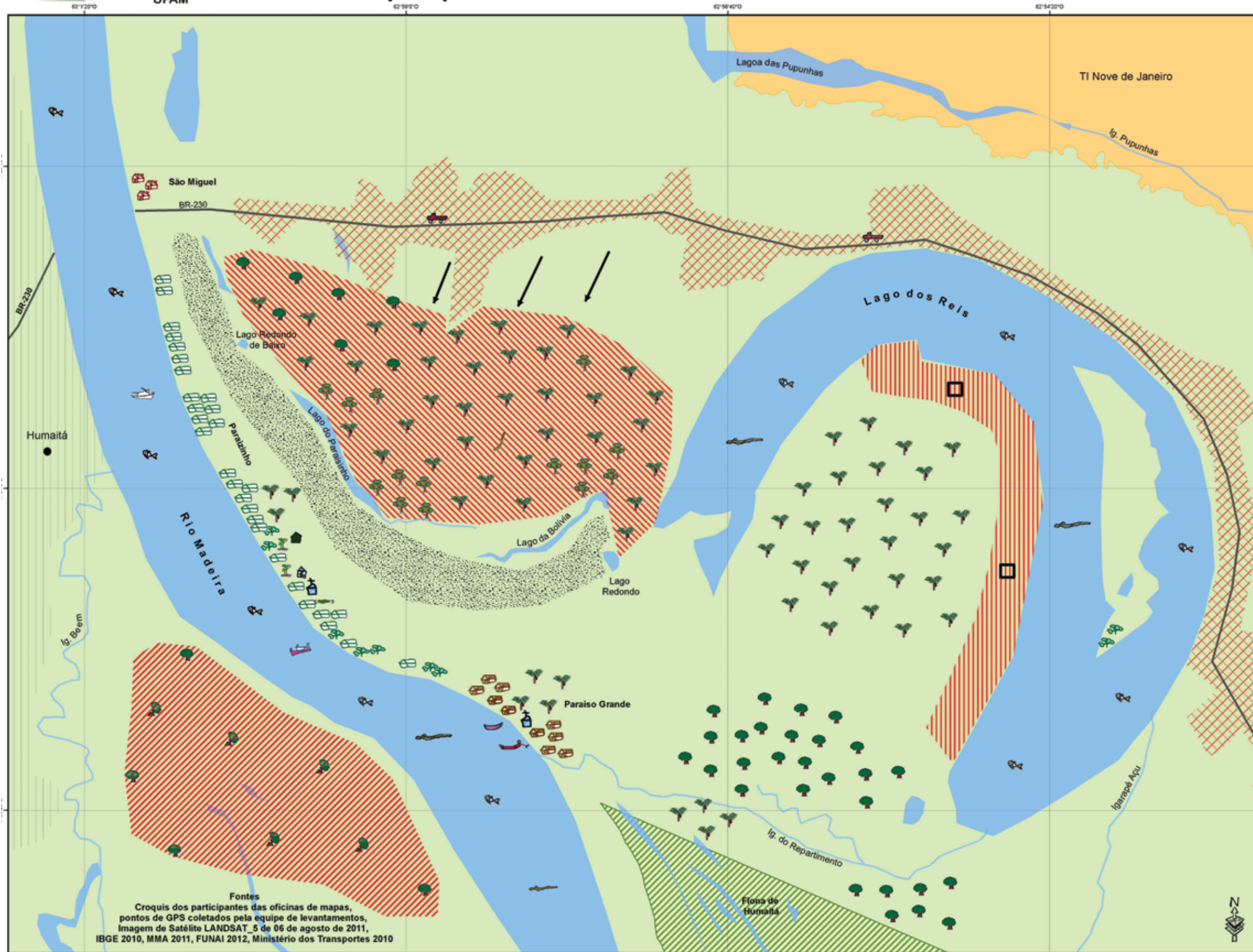
E hoje, teve essa estrada que passou aqui ficou cortado no meio esse lugar. Tem um lugar chamado Garapeçu e lá tinha um centro que eu conheço, andei até lá, é extrema dos indígenas, por nome Todos os Santos, então daquela comunicação que tinha com os índios, com as pessoas que amansaram eles, então essa produção que eles tinha vinha tudo pra cá, pro Paraíso. Outros que pertencia pro lado dos Lobo ia pra lá, e outra ia pro Garcia que amansou eles, justamente ficava lá no Maici, esse Garcia foi quem amansou os índios. Então era muito arriscado o ano que meu pai chegou aqui, o ano foi 1908.

Vou dizer até o tanto de centro que meu pai tomava de conta e meus tios também. Olha gente, meu pai tomava conta do Santo Inácio, onde eu nasci e me criei, tomava conta da Bolívia e tomava conta de outro centro chamado Paraizinho, justamente é a porta dessa que nós tamos aqui na frente, Joari, Centrinho, Cupinha, Camaratuba. Is bem esse Camaratuba, era justamente. Esse lugar que é dos indígenas hoje. Justamente era do irmão do governador D. Plínio Coelho, o nome dele era Antônio Coelho, eu conto tudo isso por motivo de eu saber porque tudo isso passava pela mão de meu pai. Pois bem, Camaratuba, Independência e Escondido. Já meu tio tomava conta do Garapeçu, Cipal e a ilha, por nome chamava Ilha. E tanto por Todos os Santos, Mocó, tomava conta também do Punhuçul. Esse Ferreira de Castro, esse escreveu esse livro, como muita gente que não conhece, diz que nunca aconteceu esse camarada ter morado aqui, sim, meu pai, como já disse era que ele chegou aqui, 1908, ele escreveu embaixo de uma sapotizeira, muitas palavras ali, embaixo dela. E por bem, quando foi feito esse livro, teve muita gente que disse que ele trabalhou em Todos os Santos, ele disse que foi atacado por índios e que ele tinha matado um indígena. Não, eu digo que não, não foi do meu tempo mas meu pai passava pra nós. Os índios atacavam sim, jogavam flecha, o lugar que eles mais atacavam era nesse Igarapé Açu, justamente o varadouro de Todos os Santos ia sair lá. Foi o mateiro quem matou o índio, não foi o Ferreira de Castro. Tinha as carroças, os bois levava a madeira pra fazer essas pontes. Tinha duas pontes do Paraíso até o Santo Inácio. Do varadouro da Pupunha, tinha outra ponte. No varadouro do Garapeçu tinha outra ponta justamente onde que tá no mapa que nos fizemos, por nome de Repartimento, era outro Igarapé que ia sair do outro lado do Lago dos Reis.” JOÃO CALIXTO MENDONÇA, PARAIZINHO



Sr. João Calixto Mendonça

Agricultores e Extrativistas do Paraizinho contra o desmatamento e luta pela posse da terra no Rio Madeira - Humaitá/AM



- Legenda**
- Comunidade Paraizinho
 - Comunidade Paraíso Grande
 - Comunidade São Miguel
 - Castanhal
 - Açaizal
 - Área de floresta desmatada
 - Floresta
 - Cipó
 - Bananal
 - Escola
 - Igreja
 - Sede
 - Campo
 - Rabeta
 - Canoa
 - Barco
 - Barco
 - Peixes
 - Jacaré
 - Veículos
 - Invasão do Açaizal por atravessadores
 - Lotes do Incra
 - Área degradada em decorrência da Rodovia
 - Área urbana
 - Desmatamento à beira do Lago dos Reis
 - Área de conflito e desmatamento
 - Área de desmatamento
 - Área de terra preta
 - Hidrografia
 - TI Nove de Janeiro
 - Floresta de Humaitá
 - Município de Humaitá
 - Sede Municipal
 - Rodovia BR-230

Equipe de pesquisa:
Jordeanes do Nascimento Araújo
UFAM/PNCSA/Coord/Humaitá/AM
Ednilda Santos
(UFAM/PNCSA/Humaitá)
Leonardo Dourado de A. Neto
(UFAM/PNCSA/Humaitá)
Mazze Rodrigues (NEAB)
Maria de Fátima dos Santos Mendonça
(UFAM/IEAA)

Equipe de levantamento de GPS:
Jordeanes do Nascimento Araújo
Leonardo Dourado de A. Neto
João Mendonça

Cartografia
Carolina Silva (PNCSA/UEA)
Luís Augusto Pereira Lima (PNCSA/UEA)

Sistema de Coordenadas Geográficas
SIRGAS 2000
1: 35.000

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o desmatamento e a devastação - Processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

As atividades tradicionais e os conflitos pelos recursos naturais

“Sou Raimunda Mendonça Azevedo, tenho 61 anos, nascida e criada no Paraíso, tive onze filhos, cheguei a cortar seringa, saía na boca da noite pra cortar seringa pra quando chegasse o final de semana ter o que comprar pra nós. Hoje, ainda vou na roça capinar mas não vou todo dia porque não garanto mais, sinto muita dor no corpo.

O açaí é a produção pra nós aqui, e a invasão tá demais aqui, pra ver se nós consegue esta área pra nós tirar uma produção melhor. Tem pessoas, os invasores, já tem até empatado a gente com arma, espingarda, e a pessoa vai e volta sem nada, sem a produção, como não devia ser. Eu tenho fé em Deus que nós vai conseguir o melhor pra nós e como tem esses professores aqui lutando junto com nós. Pois bem, minha gente, pra vocês ver como muda uma coisa que era melhor pra gente e hoje tá tão difícil, não se diz o que era esse Paraíso e hoje nós estamos morando no Paraizinho.”
RAIMUNDA MENDONÇA



Apresentação de croquis no Paraizinho



Oficinas de construção de mapas do Paraizinho



Apresentação dos mapas e das reivindicações

“Como eu tava dizendo, como era o Paraíso, e pra hoje, quando eu vejo o meu filho, ele me diz, papai como o Sr. ficava acreditando que essa terra toda aqui da frente era da firma do Sr. Monteiro, digo sim, eu te digo que sim, porque naquele tempo dos coronéis, eles já chegava e dizia esse lote aqui é meu, então onde você vai comprar é de fulano de tal. Então, aqui o Paraíso, já era daqui pra baixo, já era extrema com os Lobo e daqui pra cima com os Brasil, José Brasil. O Paraíso era tão bem organizado, a firma, que a borracha que nós fazia, que as vezes as pessoas dizia que a borracha de fulano de tal deu entre fina, porque botou sarnambi, botou terra. Tinha uma placa, eles colocava o nome Paraíso, do outro lado colocava a mesma firma do dono, que era SM e colocava o seu número, cada seringueiro tinha o seu número, tinha 120 estrada aqui, como o nosso país faltou essa produção de borracha, 22 toneladas de borracha dava aqui o Paraíso, como eu vi eles pesarem. Naquele tempo dos coronéis, a produção era só pra aquele barracão tanto fosse a produção da seringa, borracha, da castanha e do peixe como pirarucu. Havia muita fartura, muito pirarucu, hoje você anda na beira do lago dos Reis e não vê um pirarucu boiar, era de uma cabeceira a outra.” JOÃO MENDONÇA

Proteção ambiental: contra o desmatamento e a devastação

“Nós temos algumas reivindicações, uma que me chamou bastante atenção no decorrer dessa reunião é a fiscalização ambiental contra as pessoas de fora que não pertencem à comunidade e estão desmatando ilegalmente as madeiras, os açaí, a castanha, a qual por lei é nossa, nós que preservamos este lugar há tanto tempo. A cada dia que passa, a cada ano que passa as coisas vão diminuindo e nós como só queremos preservar para nossa própria subsistência, nós temos que reivindicar sobre a fiscalização ambiental. Agora como viu no lago dos Reis, aqueles lotes que o



Desmatamento recente na beira do lago dos Reis, lugar do extrativismo do açaí e castanha. 27 abril 2013

INCRA deu pra essa gente, que eles tão fazendo, desmatando na beira do lago, invadindo também o nosso açaizal e nós não podemos fazer nada, já chamamos o ICMBio, pra ver essa questão, mas eles não dizem nada, fica o dito pelo não dito.”
SR. RODRIGUES

“Meu nome é Rodrigues Ribeiro de Oliveira, eu nasci em 1952 lá na localidade da Galileia. Meu pai era seringueiro. Nessa época o Paraíso tinha como gerente Sr. Juquinha. Plantamos roça aqui na beira do rio e se damos a conhecer com a Tia Mariquinha que já tinha chegado, o Tio Felício, seu João Rosa, seu Vitor Rosa. Tinham quatro casas de arrendatários, lavradores. Com onze anos já ajudava meu pai a cortar seringa, a pescar. Nos anos 70 surgiu o Projeto Paranapanema, Transamazônica e aí povoou todo o Paraíso. Veio muita gente se instalar como agricultor.



Açaizal perto do lago da Bolívia



Lago dos Reis: fonte de pescado, açaí e castanha

A propriedade era protegida por ordem do patrão, não desmatava, só matava para comer. Depois da construção da Transamazônica o povo começou a atingir de maneira agressiva aqui, explorando todas as áreas, aqueles que pegaram lote na beira da estrada procuraram logo invadir, começaram a invadir, foram invadindo todas as áreas. Antes disso aí, nós já tinha aqui na comunidade a horta comunitária, foi criada pelo bispo D. Miguel, assessorado pela irmã Joana, a irmã Naldília, a qual prestava serviço religioso como catequese e missa. Nesse período houve uma enchente muito grande e muita gente migrou daqui, mas muito outros retornaram. Então, a gente foi sobrevivendo aqui conforme as necessidades da gente determinava. O patrão em exercício ainda era o Sr. Alfino, então foi o tempo que ele fracassou como político, porque não ganhou a política, ficou decepcionado e preferiu entregar pro estado toda a propriedade. Antes dele sair daqui da colocação, da propriedade, ele chamou todos os freguês, se reuniu com os aviados, com todas as pessoas que tinha aqui e orientou pra que a gente tomasse conta da área que habitava que não vendesse e não deixasse mais ninguém entrar porque ele já tava indo embora, porque ele já tinha tirado um lote lá na beira da estrada no km 15 e ia morar com outra mulher que ele já tinha arranjado.

Então, de lá para cá, o Sr. Luiz Carlos, que foi vereador em Humaitá, entrou como arrendatário pra tirar madeira aqui do Paraizinho, madeira goiabeira, ficou, tirou período de dois invernos, depois entrou com as máquinas por aí, desistiu e entrou Sr. Nelson Vanaze? Como quem tinha arrendado a terra. O caso, arrendamento, quando o Sr. Alfino falou pra gente que tava deixando, ele disse pra gente que já tava terminando o período de seu Vanaze porque ele tinha arrendado por oito anos, já tava com seis anos e que faltava apenas dois anos pra terminar o contrato de arrendamento.

E nós ficamos aqui, trabalhando, todo esse tempo, acreditando que ele fosse apenas um arrendatário, mas só que ultimamente ele já diz que é o proprietário. Muitas vezes a gente se pergunta por que fazem isso com a gente? Porque todo tempo nós tivemos aqui e as únicas pessoas que nos ajudou, como agir, como fazer acontecer alguma coisa e como buscar nossos objetivos, foi a Igreja Católica, os padres, as irmãs, às vezes, as catequistas.

O pessoal do Imater veio fazer certos cursos com a gente aqui, como cuidar do solo, como desenvolver serviço agrícola. Com o passar do tempo mudou as coisas, seu Nelson veio com os projeto dele, começou a fazer vicinais dando acesso pra dentro da propriedade, entrou pelo km 4, saiu fazendo conexão aqui da beira até chegar na linha fundiária, tirando madeira da propriedade toda e a gente não sabe até hoje qual é o nosso direito e dever que temos diante de tantas



Desmatamento ilegal em áreas de extrativismo.
27 maio 2013

situações, às vezes, a gente se acha desvalorizado, rejeitado e até humilhado porque trabalhamos aqui a vida toda. Hoje nós queremos um pedaço de terra pra que nós administre e a gente não tem. Nós não temos esse acesso, não sabemos. Muitas vezes recorremos ao IDAM, ao INCRA, ao ICMBio mas, não conseguimos reposta positiva, que nós dê, assim, uma segurança do que nós temos. E o que eu quero dizer é que muitas vezes a gente se pergunta: quem está do nosso lado? E quem está contra nós? Porque nós só trabalhamos e o pouco que fazemos é investir, é plantar, é cultivar. Nunca a gente teve projeto de destruição, aqui é um patrimônio da natureza, sempre preservamos, tirando nossos recursos da selva, buscando nosso alimento nos lagos.”
SR. RODRIGUES, PARAIZINHO



Oficinas de Mapas no Paraizinho

REIVINDICAÇÕES DA COMUNIDADE

- A documentação da posse da terra em nome da associação dos agricultores.
- Fiscalização ambiental contra o desmatamento ilegal nas terras da comunidade.
- Saneamento básico, água tratada e encanada.
- Posto de saúde e Saúde de qualidade.
- Um telefone público.
- Uma escadaria para receber a Santa. A igreja precisa de bancos.
- Nós precisamos também de uma casa para eventos nas realizações da comunidade.
- Um parquezinho, um parque infantil para as crianças.
- Um enfermeiro de plantão porque nós precisamos.
- Água tratada, também é muito importante porque se água não for tratada dá muita doença aí nos rios através dos [asobros] as coisas que eles derramam no rio Madeira.
- Investimento do Estado para os Agricultores.
- A assistência técnica e a atuação da CONAB também na comunidade.
- Mais apoio ao pescador artesanal.
- Escola que atenda à educação infantil, ao ensino fundamental e educação de jovens e adultos com professores da própria comunidade.

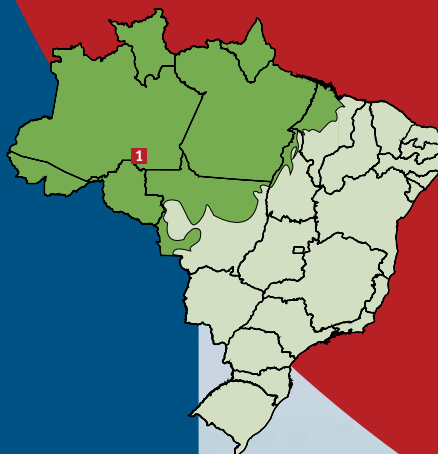
CONTATOS
ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES
DO PARAIZINHO
Humaitá AM
telefone 97. 8107-8660



PROJETO
**Mapeamento
Social**

ASSOCIAÇÃO DE
AGRICULTORES DO
PARAIZINHO

1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

APOIO

Agência Brasileira de BSE



5 780570 000111

